

Com_puta_dor: relações BDSM mediadas digitalmente em Campo Grande/MS

BDSM relations mediated digitally in Campo Grande/MS

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v21n1p50-64

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir o uso de mídias digitais e redes sociais de praticantes de BDSM na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Serão analisados os usos destas mídias, para o contato entre praticantes e a troca de informações. Os dados foram obtidos através de entrevistas, pessoalmente e via *Facebook*, com praticantes da cidade e trabalho de campo em grupos temáticos criados também no *Facebook*, onde os adeptos faziam postagens sobre o tema. Será discutido como estas mídias, apesar de facilitarem o contato entre os praticantes e a troca de informações, não oferecem um ambiente de segurança o suficiente para os encontros face-a-face entre eles, assim como a falta de um local para encontro que ofereça este ambiente, causam também desinteresse, o que é evidenciado nas postagens na rede social citada.

Palavras-chave: BDSM. Mídias digitais. Sexualidades transgressoras.

Abstract

The objective of this article is to discuss the use of digital media and social web by BDSM practitioners in Campo Grande/MS, Brazil. The use of digital media as a way of contacting other practitioners and for information exchange will be analyzed. Data were obtained through personal or *Facebook* interviews, with practitioners of the city, having research developed via specific theme groups created in *Facebook*, where the users frequently posted on the topic. It'll be discussed how these medias, although facilitating the contact of practitioners and the information exchange, do not offer safe conditions for face-to-face meetings, not making available any place for such concrete meetings, not to motivate the users, what becomes clear in several postings on the mentioned web.

Key-words: BDSM. Digital medias. Transgressive sexualities.

APARECIDO F. DOS REIS

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Brasil), Centro de Ciências Humanas e Sociais.
Cidade Universitária; CEP 79070-900 - Campo Grande, MS - Brasil - Caixa-postal: 549
aparecido.reis@ufms.br

GABRIEL Z. CARVALHO

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Brasil), Centro de Ciências Humanas e Sociais.
Cidade Universitária; CEP 79070-900 - Campo Grande, MS - Brasil - Caixa-postal: 549
zamian_gabriel@hotmail.com

Introdução

A importância das mídias digitais para se estabelecerem relações eróticas engloba não somente estudos sobre BDSM, mas também de homossexualidades. Miskolci (2012) retrata a importância destas pesquisas, pois as mídias se tornam um meio para estas sexualidades transgressoras se relacionarem:

As mídias digitais trouxeram algumas novidades na esfera amorosa como a possibilidade de visualizar, pela primeira vez, o universo de parceiros em potencial, ampliá-los numericamente e, sobretudo, essas mídias também acenam – por meio dos mecanismos de busca – com a possibilidade de escolher como nunca antes. (MISKOLCI, p. 5, 2012).

No caso deste artigo, a importância destas plataformas digitais foi evidenciada nos discursos de interlocutores, logo, foi escolhida como a primeira categoria a ser discutida. Desta maneira, será trabalhado como a questão de como se pesquisar BDSM e suas relações através de mídias digitais como o *Facebook* e o *Fetlife*, na cidade de Campo Grande/MS, sendo sua dinâmica diferente de onde as principais pesquisas sobre BDSM são realizadas, como São Paulo, Rio de Janeiro e países da Europa e Estados Unidos.

Busco compreender, então, como este contexto específico da capital sul-matogrossense influencia na forma com que os praticantes de sadomasoquismo buscam se relacionar e como o fazem. A metodologia terá foco em como é pesquisar e trabalhar conceitos, quando eles viajam fora dos centros em que são forjados, como a Teoria *Queer* pode manter sua potência subversiva e como as mídias digitais são utilizadas em solo brasileiro.

A seguir, a revisão bibliográfica auxiliará não apenas no sentido de trazer conceitos sobre relações SM, mas também como outras sexualidades, ou sexualidades transgressoras, estabelecem relações fora

das metrópoles brasileiras e contextos estadunidenses e europeus, utilizando mídias digitais e relações que precisam ser mantidas em segredo, ou “dentro do armário”.

Por fim, tentarei formar um cenário de como as mídias digitais influenciam no estabelecimento e negociações de relações sadomasoquistas na cidade de Campo Grande/MS, envolvendo questões como a construção de confiança.

Além disso, este estudo pode auxiliar a compreender como as mídias digitais agenciam as sexualidades neste novo século. Enquanto, antigamente, havia os “guetos”, locais específicos e marginalizados, para se ter contato com as práticas SM, necessitando que uma pessoa tenha um certo grau de exposição para acessar os locais, a *internet* oferece a promessa de anonimato, tornando conhecimentos e contatos no BDSM acessíveis, sem a necessidade de sair de casa.

Metodologia

Os dois meios utilizados para se realizar a pesquisa desta categoria foram as entrevistas, realizadas pessoalmente e via *Facebook*, com um roteiro semi-estruturado para guiar as conversas, e pesquisa de campo nas mídias sociais, no caso, o *Facebook* e o *Fetlife*, além de *blogs* que tratam de BDSM.

Na primeira plataforma citada, além das entrevistas, foram observados grupos chamados “BDSM Mato Grosso do Sul” e “BDSM - Campo Grande - MS”. O *blog* observado foi um citado pelos entrevistados, o *blog* do Senhor Verdugo.

O *Facebook* é atualmente um dos sites de relacionamento mais populares do mundo, atingindo, em 2012, um bilhão de usuários¹. Já o *Fetlife*, segundo o próprio site, possui quase de 3,4 milhões de usuários por todo o mundo e é uma rede social voltada exclusivamente para o BDSM e o fetichismo.

¹ <http://www.ebc.com.br/tecnologia/2012/10/facebook-chega-a-1-bilhao-de-usuarios-no-mundo>



01. Interface do Facebook



02. Interface do Fetlife

Para o contato com os interlocutores, o pertencimento do pesquisador ao meio BDSM facilitou os encontros, oferecendo maior segurança para que as conversas pudessem ocorrer da maneira mais aberta possível, sem medo de suas identidades serem reveladas publicamente. Assim, foram utilizadas letras e números para identificar os entrevistados: D1, D2 e D3, para Dominadoras(es), e sub1, sub2 e sub3, para submissos(as).

Importante citar que as categorias de análise do trabalho foram redefinidas após as entrevistas com os interlocutores. Depois das conversas, foi vista a importância dada para a *internet*, para eles conhecerem e manter contato com outros praticantes e ler sobre BDSM. Uma referência importante para este caso é Pedro Paulo Gomes Pereira (2012).

O autor de “*Queer nos trópicos*” estuda o caso de quando esta teoria, criada nos contextos europeus e estadunidenses, viaja para abaixo da linha do equador como, por exemplo, para o Brasil. Pereira (2012)

coloca a importância de estudar os contextos nos quais se está estudando, como a comparação feita nos estudos de Beatriz Preciado e de travestis do interior de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul. A Teoria *Queer*, no caso, não deve ser tratada como universalizante, pois os contextos em que surgiram são diferentes do contexto estudado por Pereira (2012) e neste artigo.

Temos então uma filósofa que fala de grandes cidades da Europa e dos Estados Unidos, nas quais habita; uma travesti que transitou por várias cidades e vive num refúgio para portadores de Aids no Brasil. Preciado aplicando em si hormônios, manejando teorias sofisticadas, falando *queer*; Cida, um corpo estranho, excêntrico, desfigurado pela Aids, mas que também manejava teorias sofisticadas. PEREIRA (2012: p. 381).

A ênfase dada à questão das mídias digitais, pelos entrevistados, mostra que esta é uma importante categoria para se compreender como se dão as relações sadomasoquistas em Campo Grande/MS.

Percebendo-se a importância da contextualização dos discursos e das teorias, o *Queer* europeu pode auxiliar nas análises e estudos, não perdendo assim, sua potência. Além disso, a utilização de autores e autoras brasileiras se mostra um caminho para se estudar o contexto brasileiro, em que “A potência da teoria *queer* e seu não congelamento em teorias prévias e sem conexões com as s locais dependerá de sua capacidade de absorver essas experiências outras e, nesse processo, alterar-se”. PEREIRA(2012 : p. 389).

Importante também enfatizar o contexto das mídias digitais. Uma bibliografia, para complementar essa discussão, é a de Miskolci (2014) em seu estudo, em São Francisco, sobre as mídias digitais mostra o surgimento de computadores e celulares no Vale do Silício, sua disseminação pelo mundo e popularização no Brasil.

Como as mídias agenciam relações, estas agências também se transformam com as viagens. O autor de compara o uso da tecnologia nos contextos de São Francisco e São Paulo:

A tecnologia é a mesma, mas em San Francisco ela é mais barata, mais bem disseminada e encontra um terreno mais propício para “funcionar”. Terreno que envolve tanto um perímetro urbano mais afeito à mobilidade, com bom transporte público, assim como mais seguro. Além desse contexto urbano acessível e menos marcado pela violência urbana, no caso a paulistana, é fundamental ter em mente a relativa aceitação das homossexualidades nos espaços públicos de San Francisco. MISKOLCI (2014: p. 287).

Em sua dissertação de mestrado, Carolina Parreiras (2008) traz como a *internet* se torna um espaço para diferentes expressões de sexualidades devido a contextos locais específicos:

Durante a pesquisa de campo pude notar que, para muitos membros da Eper, especialmente os mais jovens, estar em uma comunidade virtual era um meio de assumir suas sexualidades. Outros fatores, além da idade,

mostraram-se importantes para explicar a ocorrência de um “coming out” restrito ao virtual: a maioria destes meninos moravam com familiares e em cidades pequenas ou com poucas opções de locais onde fosse possível qualquer manifestação de homossexualidade. Na falta de estabelecimentos de lazer voltados especificamente para o público gay, a *internet* se tornou o único meio de conhecer pessoas e, no caso de muitos, aprender a “ser gay”. PARREIRAS (2008: p. 170-171).

Torna-se óbvio como as mídias são utilizadas de modos diferentes dependendo para onde viajou, assim, é necessário problematizar a cidade de Campo Grande/MS, para compreender seu contexto e estudá-lo, pois, como aparece na pesquisa de Parreiras (2008) de maneira similar, a *internet* se tornou o único meio para conhecer praticantes de sadomasoquismo na cidade. A seguir farei uma revisão bibliográfica a fim de trazer referências que possam me auxiliar no estudo do BDSM e na pesquisa de uma cidade do porte de Campo Grande.

Revisão Bibliográfica

O BDSM é a sigla para *bondage*, disciplina, Dominação, submissão, Sadismo e masoquismo², mas é popularmente conhecido no Brasil como sadomasoquismo. Estas relações são baseadas na tríade S.S.C, a sigla para São, Seguro e Consensual, a qual se torna a principal forma deste grupo legitimar suas práticas frente ao discurso patologizante das ciências biomédicas e ao moralismo, principalmente da religião cristã.

Dentro desta cultura, existem dois “papéis”: de Dominador(a)³ e de submisso(a)⁴. Há também os chamados switchers, mas são caracterizados por possuírem um papel fluido, em uma ocasião podem exercer uma dominação, em outro, podem ser submissos. Assim, a relação sadomasoquista se baseia no “D/s”, ou “Dominação e submissão. Os praticantes não consideram o BDSM um adicional para o sexo, mas, o sexo, com penetração genital, que pode (ou

² O uso de algumas letras maiúsculas e minúsculas é para evidenciar os papéis de Dominador e dominado dentro da relação.

não) ser um adicional do BDSM.

Como é uma relação não-convencional, a gíria “baunilha” é utilizada para pessoas que possuem relacionamentos convencionais, como namoro, casamento e sexo focado na penetração e em que não haja uma relação de dominação previamente discutida e consensual.

Estas práticas sexuais foram nomeadas por Krafft-Ebing (2000), utilizando-se do nome dos escritores Marquês de Sade (para “Sadismo”) e Leopold von Sacher-Masoch (para “masoquismo”), devido ao tipo de literatura que eles produziam, por relacionar dor e sofrimento com prazer, sendo, desde então, estudadas pelas ciências biomédicas como a psiquiatria e a psicanálise, esta última representada principalmente por Freud (1999). Além disso, o BDSM está presente na última versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM, como uma parafilia.

Após a década de 1960, com os estudos feministas e de sexualidade, autoras e autores como Foucault (1984; 1989), Gayle Rubin (2002) e Deleuze (1983) se debruçaram nesta questão, buscando (re) pensar este prazer, fora da ideia de patologia ou doença. No Brasil, o tema é estudado por pesquisadoras(es) de importantes universidades do país, como Gregori (2014), Leite Jr. (2000), Facchini e Machado (2013) e Zilli (2009).

Segundo estes estudos, o BDSM não é considerado apenas uma mera reprodução das relações de poder heteronormativas, ou apenas uma inversão de poder entre homem e mulher (no caso do *FemDom*⁵), mas uma paródia destas relações, evidenciando sua plasticidade (FOUCAULT, 1989; PRECIADO, 2014). Além desta paródia e resignificação, o BDSM busca uma sexualização total do corpo, não se focando apenas nas genitálias para produzir prazer:

Não existe a necessidade última de uma relação genital, pois toda a cena é sexo, todo o relacionamento é sexualizado ao máximo.

e o uso (ou não) dos aparelhos reprodutores também está sujeito a uma prévia combinação. LEITE JÚNIOR (p. 30, 2000).

Assim, como BDSM se mostra como uma forma de descentrar o prazer dos genitais, ressignifica inclusive a relação entre violência e sexualidade, prazer e perigo. Segundo Gregori (2010):

Trata-se de um conjunto de situações sociais, extremamente ricas para pensar, em que está presente a noção de que, ao aprender e seguir aquelas normas práticas, o que poderia ser visto como violência passa a ser visto e sentido como prazer. GREGORI (p. 56, 2014).

Como citado, as mídias se tornam um meio para os adeptos se relacionarem, como forma de evitar riscos que expor estas suas práticas podem causar, como violências físicas e psicológicas, preconceitos e outros tipos de retaliações. Apesar disso, a desconfiança também ocasiona o medo de alguns praticantes se encontrarem com outros e dificulta a realização de festas e eventos na temática e até relações, cenas e contatos face-a-face entre os praticantes.

Favorece a análise a contextualização do conceito de “armário”, conceito este que aparece, inicialmente, em estudos da teórica *Queer* Eve Sedgwick (2007):

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas [...] Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. No nível mais básico, tampouco é inexplicável que alguém que queira um emprego, a guarda dos filhos ou direitos de visita, proteção contra violência, contra “terapia”, contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultuoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal,

³ São usados como sinônimos de Dominador(a): Dom ou Domme, Top, Senhor ou Senhora, Rainha (caso feminino).

⁴ São usados como sinônimos de submisso(a): escravo(a), bottom.

⁵ Dominação Feminina.

possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida. O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora. SEDGWICK (2007: p. 22).

Este conceito é amplamente utilizado no meio homossexual para se referir à pessoa que oculta sua orientação sexual, para se proteger da violência da sociedade heteronormativa. Apesar disso, a própria autora coloca que não existe apenas um “armário gay” (SEDGWICK, 2007), logo, os praticantes devem reduzir o BDSM à sua intimidade, mas manter uma vida pública baunilha. Segundo Miskolci (2012):

A despeito do uso indiscriminado do termo, o armário é um regime de visibilidade circunscrito historicamente e que, de forma geral, se insere em uma época marcada por maior rigidez na manutenção de relações amorosas. Não é mero acaso que o segredo constitutivo do armário suscite paralelos com outras formas de relações ilícitas, mesmo heterossexuais, pois ambos têm em comum a lógica de manter em segredo e na esfera privada as relações que não atendem às expectativas coletivas. MISKOLCI (2012: p.11).

Ou seja, mesmo que no BDSM possa haver práticas heterossexuais, por ser considerada uma sexualidade dissidente ou anormal, está suscetível a sofrer coerção da sociedade heteronormativa. Assim, para Miskolci (2012), o meio digital seria também um armário, que os homossexuais utilizam para se relacionar. Nesta questão, o caso dos praticantes de SM de Campo Grande é similar. Além disso, com a possibilidade de se criar vários perfis *online*, um cenário de desconfiança é criado:

Partindo do contato digital, conhecer alguém gera inseguranças típicas de nossa era como o medo de que uma mesma pessoa tenha duas ou mais “personalidades”. Temor com razões concretas, já que temos a experiência comum de criar perfis distintos e segmentados, por exemplo, um profissional para o site de nosso empregador, outro familiar em uma rede social ou, ainda, um para lidar com um de nossos hobbies. Qual deles é verdadeiro e qual é falso? Somos uma junção deles ou alguém não identificável quando os justapomos, somamos ou comparamos? MISKOLCI (2012: p. 9).

Campo Grande é a capital de Mato Grosso do Sul e possui cerca de 800 mil habitantes, e apelidada de “Cidade Morena”. A cidade pode ser descrita como “capital com cara de interior”, por apresentar aspectos que popularmente são encontrados em cidades interioranas, como não ter um fluxo de pessoas tão intenso. O índice populacional não é elevado se comparado a capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, a influência das culturas pantaneira, indígena e rural auxilia neste ambiente. Assim, o reconhecimento dos indivíduos, a velocidade com que as “fofocas” e informações se espalham é maior que em grandes centros onde as pessoas estão mais “diluídas” pelo grande contingente populacional⁶. As boates direcionadas ao público LGBT são apenas quatro na cidade: Non Stop, Daza Club, Queen Night e SIS Lourge Bar⁷. Como observado e relatado pelos interlocutores, a cidade não possui uma boate ou festa direcionada ao BDSM.

Sendo as convivências e relações, tanto *off* quanto *onlines*, diferentes das grandes metrópoles brasileiras, que tendem a “dissolver” mais os indivíduos devido seus enormes contingentes populacionais, recorro aqui ao trabalho de Kurashige (2014), que estuda relações homoeróticas através de mídias digitais na cidade de São Carlos, interior de São Paulo.

Apesar de São Carlos ser menor que Campo

⁶ Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=50&search=mato-grosso-do-sul>

⁷ Acesso em 01/06/2015 <http://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/cidade-ja-tem-4-baladas-gay-popular-ou-cult-com-preco-de-rs-5-a-rs-40>

Grande, assim como sua população, penso que, devido a algumas características de “cidade de interior” e por haver um único espaço de socialização sadomasoquista, o digital, a dissertação de mestrado de Kurashige (2014) poderá me ajudar com a análise:

Diferente dos grandes centros metropolitanos, onde há um grande número de pessoas e espaços de sociabilidade homoerótica, São Carlos, uma cidade média do interior paulista, oferece menos opções, tanto de parceiros amorosos quanto de locais para interação social. KURASHIGE (2014: p. 24).

Além disso, Kurashige (2014) observa, em sua dissertação de mestrado, como, em São Carlos, mesmo através do meio digital, há dificuldades de se sair do *online* para o face-a-face.

Posso afirmar que o mesmo acontece nos bate-papos, onde é comum reclamações de que não há, segundo os usuários, “gente que preste”. Não se trata de pensar que nos *chats* as pessoas buscam se relacionar sem critérios, mas elas são modeladas segundo a expectativa de encontrar alguém que esteja em conformidade ao que é socialmente desejável. Não existe no contexto dos bate-papos sancarlense a abundância de parceiros, não me refiro aqui ao quantitativo, mas aqueles que se encaixam no ideal de beleza, renda, raça, masculinidade, e etc., o que explica, de certo modo, o motivo pelo qual muitos dos participantes passam horas a fio, sendo selecionados e selecionando um parceiro ideal. Além disso, é comum que os encontros não se concretizem, pois, somados aos rigorosos critérios que pautam as escolhas, o desejo pode ser “satisfeito” na seleção, já que o ato de buscar é ela própria excitante. KURASHIGE (2014: p. 40).

Uma outra aproximação, para auxiliar o estudo de sexualidades transgressoras em Mato Grosso no Sul, é a pesquisa de Passamani (2012), seu artigo, que faz parte de sua tese de doutorado, em que estuda envelhecimento e memória de homossexuais na cidade de Corumbá/MS. Neste texto, o autor entra em contato com alguns de seus informantes através da *internet*, no caso, o bate-papo da UOL

(Universe *Online*). A fala das bichas entrevistadas por Passamani (2012), mostra que, desde os anos 50 em Corumbá, os locais frequentados por homossexuais eram espaços considerados héteros, como pagodes e danceterias, e as casas das próprias bichas, que faziam festas privadas. Ainda hoje, as formas encontradas de confraternizações do público gay continua sendo em espaços considerados mistos e suas próprias residências.

A partir da sexualidade, forja-se uma espécie de comunidade em Corumbá, formada por amigos homossexuais que precisam reunir-se em algum lugar para suas farras e seus fervores, pois os espaços de sociabilidade, como dito anteriormente, não eram específicos para o público gay, mas espaços mistos onde todos confraternizavam. Ainda hoje, seguem como espaços predominantes de sociabilidade, segundo os entrevistados, os bailes e pagodes. Atualmente há duas novas formas de lazer: as danceterias, com música eletrônica e os espaços específicos para música sertaneja, onde a presença de gays é um pouco mais restrita, sendo mais comum nestes espaços a presença de lésbicas. Com a carência de espaços públicos de sociabilidade gay e um circuito específico de entretenimento, os homossexuais da cidade buscaram algo como o lazer em casa, fazendo com que os encontros e festas tivessem lugar nas casas de cada um. PASSAMANI (2012: p. 13).

Ainda que as bichas usufruam de espaços considerados heterossexuais para se encontrarem, as relações ainda passam pela questão do segredo, mencionando o caso das festas na casa de Gica, a bicha mais famosa de Corumbá:

A casa de Gica tem um lugar de destaque nas lembranças de Teo e Barbosa. Algo assemelhado a um “éden gay” no coração do Pantanal. Lugar de brincadeiras, diversão, amizades e muito sexo. Os marinheiros chegavam até estas festas depois de encontros em bares de Ladário. Havia, ainda, certa cumplicidade entre os grupos (bichas e marinheiros) no sentido de não divulgar nem as farras, nem o conteúdo delas. PASSAMANI (2012: p. 15).

Mas, apesar de se localizar no Mato Grosso do Sul, como mencionado pelo próprio autor, Corumbá, uma cidade de pouco mais de cem mil habitantes, fica distante da capital e de outras cidades importantes do estado, fazendo limite com a Bolívia. Aqui cabe um dado importante: as principais cidades do estado ficam muito distantes umas das outras, sendo que as mais próximas destas são muito pequenas.

Os estudos de Kurashige (2014) e Passamani (2012) ajudam a observar como sexualidades transgressoras, nos casos citados, as homossexualidades, em contextos de cidades não-metropolitanas, procuram manter suas relações em segredo para não sofrerem qualquer tipo de violência no meio público heterossexual, além da inexistência de locais para homossexuais frequentarem que sejam direcionados para este público. No primeiro estudo, as mídias digitais assumem, então, um papel importante para estabelecimento de relações.

Partindo destes referenciais etnográficos, buscarei formar uma imagem de como os sadomasoquistas da Cidade Morena procuram se relacionar, suas dificuldades, impressões e expressões sobre o contexto campo-grandense.

Conversas, Discussões e Imersão nas Comunidades Virtuais

O ponto de partida da pesquisa foi estudar as mídias sociais, assim, com a ausência daqueles locais, as mídias digitais assumem uma importância maior ainda para que os praticantes se comuniquem e troquem informações.

Perguntado sobre que formas utilizam para conhecer outros praticantes, D1, em entrevista via *Facebook*, responde:

D1: “Como ando ocupado e não consigo ir a São Paulo sempre, onde ocorrem os eventos, somente a *internet*”.

Assim, o entrevistado evidencia a falta de festas em Campo Grande/MS e que São Paulo é a

melhor cidade para ir a festas BDSM, a *internet* se torna, então, o caminho para D1 ter contato com o BDSM. A falta de festas também aparece na fala de outros interlocutores:

sub1: “Acredito que aqui também não tenha esse tipo de festa, nada assim, eu teria que ir para São Paulo. Só que ir para São Paulo não dá porque sou casada”.

sub2: “Aqui em Campo Grande não [...] Eu acho que aqui faltam locais ou festas com esse tema. O ano passado, foi ano passado ou foi no outro ano? Não lembro... A Non Stop, aquela boate GLS que tem aqui de vez em quando faz umas festas que se diz temática, coloca lá “Noite BDSM”, “Noite Sadomasoquista”, “Noite Fetichista”, alguma coisa assim, eu fui em duas já, a única pessoa que estava minimamente trajada de alguma coisa nesse sentido era eu. E daí na hora do show dos Gogo Boys, os Gogo Boys sim, com umas roupas de couro e tal, essas coisas assim, mas não tem assim [...] Então, eu acho que falta isso, faltam locais, que eu acredito que tenha, na sua pesquisa de certo você vai encontrar, acredito que tenha gente que goste, que curta ou que tem interesse, ou ao menos curiosidade no assunto. Mas as pessoas tem muito medo de se expor, eu acho. sub3: “Eu acho que aqui não tem nada, não participo, sou mais reservado eu acho. Mas acho que não tem festa desse tipo aqui, não que eu fiquei sabendo.”

D3: “Por enquanto não tem né, estão querendo criar, mas tenho vontade de participar, nunca participei por enquanto”.

No discurso da D2, é mostrado como o meio BDSM em Campo Grande/MS é pequeno:

D2: “Já participei [de festas], mas não aqui no estado. Aqui o meio ainda está engatinhando”.

É evidente, no discurso dos entrevistados, como a falta de festas e locais para se vivenciar o BDSM dificulta a interação entre os praticantes da cidade, assim, esta interação se limita à *internet*. A cidade de São Paulo é vista como referência para poder se vivenciar o BDSM.

As principais cidades em que a cultura BDSM conseguiu florescer no Brasil foram as capitais

São Paulo e Rio de Janeiro. Em São Paulo, mais especificamente, há festas e bares já consagrados voltados para esta temática, como o Projeto Luxúria, Bar da Gata, Clube Dominna, entre outros, e a marca de produtos fetichistas WZ Fetish. Na última edição da Erotika Fair (2015), a maior feira erótica da América Latina, a temática SM esteve muito presente devido ao sucesso do filme 50 Tons de Cinza, em que houve palestras e performances voltadas para o tema AVILA & CARVALHO (2015).

A pouca interação entre os praticantes da cidade pode ser evidenciada nas postagens do grupo do Facebook “BDSM Mato Grosso do Sul”, em que as últimas três postagens foram nos dias 26/10/2014, 23/10/2014 e 21/06/2014.

Na postagem do dia 23/10/2014, pode ser vista esta pouca interação. As tarjas pretas foram utilizadas para não mostrar foto e nome original, mas, por serem interlocutores, foram identificados de acordo com a metodologia da pesquisa:



03. Postagem no grupo do Facebook “BDSM Mato Grosso do Sul”

Há uma grande quantidade de postagens deste grupo, são de escravas(os) procurando por Dominadoras(es) ou o inverso, como pode ser observado nesta postagem:



04. Postagem no grupo do Facebook “BDSM Mato Grosso do Sul”

Além das postagens, é encontrado, no discurso dos entrevistados, o uso da *internet* para conhecer outros praticantes:

D2: “Além das redes sociais, nos quais existem os grupos específicos de BDSM e seus subgrupos... Há também uma rede chamada *Fetlife* que é uma espécie de *Facebook* do meio BDSM”.

sub1: “Só a *internet*, só esses dois sites mesmo [*Fetlife* e Portal Senhor Verdugo]. Esses dois sites e o *Whatsapp* que eu tenho duas pessoas... Duas pessoas porque eu não coloquei mais ninguém, não converso muito”.

sub2: “*Internet*. Tem alguns sites de relacionamentos, como aquele... *Fetlife*, isso. Esse daí, fiz um cadastro lá, e lá eu conheci, por meio desse site, eu conheci uma menina só que só nos conhecemos, assim, conversamos, acabou não acontecendo nada. Aquele perfil fake⁸ do Face, ali eu conheci já algumas pessoas”.

D3: “Via *internet*. *Internet*, fóruns, *chats*”.

Apesar dessa procura, tanto de Dominadoras(es) como de submissas(os), há dificuldade destes praticantes saírem do *online* para se encontrarem *off-line*, isto aparece nas falas que mostram a frequência com que meus interlocutores praticavam o SM:

D1: “Não [tive sessões em Campo Grande/MS], apenas fora”.

D2: “Sessões avulsas apenas. Umhas quatro ou cinco vezes”.

sub1: “eu tive minha primeira sessão semana passada⁹”.

⁸ Perfil falso, em que a pessoa não mostra sua verdadeira identidade.

⁹ Teve a primeira sessão uma semana antes da entrevista.

sub2: “É uma tara, uma prática, mas não é a única, tanto que eu me relaciono 99% das vezes com rapazes e tal sem nada de BDSM”.

sub3: “Eu tenho alguns amigos que praticam. De vez em quando a gente está sem fazer nada e brinca. Mas fixo, mesmo, não. De cabeça lembro de umas cinco ou seis pessoas que de fato praticam. Tem muita gente que se diz praticante, mas acho que é falta de informação e confusão”.

D3: “Não, nunca tive parceiras, o que eu sei é conhecimento teórico mesmo”.

A questão da confiança é outro conceito importante para ser estudado aqui, por estar muito presente na fala deles e delas. A dificuldade de encontrar pessoas que possuam as mesmas preferências pelas práticas e que assumam papéis opostos existe, e uma que persiste mais é a de eles saírem para o face-a-face. Tendo esta noção, antes de ir a campo, devido a observações prévias em grupos do *Facebook*, perguntei aos entrevistados sobre estas dificuldades para se vivenciar o BDSM na cidade:

D2: “Espaço, interação... As pessoas preferem ficar no virtual e raramente partem para o real. Insegurança, tudo que é virtual gera desconfiança... Existem muitos *fakes*, pessoas com quaisquer outras intenções, menos de praticar o BDSM. As pessoas confundem o BDSM com sexo fácil, elas entram no meio focadas no sexo”.

sub1: “A minha maior dificuldade é por causa do meu casamento mesmo e eu acho que uma segunda dificuldade é que mesmo se eu não fosse casada seria que aqui em Campo Grande não tem ninguém né, assim, que pratica mesmo, que vive uma liturgia, que eu acho interessante sabe, eu não acho legal ir lá e sei lá, só levar uns tapas, não, eu acho que tem todo um charme da liturgia né, do respeito sabe, aqui em Campo Grande não tem [...] Eu acho que tem que ter muita confiança, se não tem confiança não tem como, ainda mais no meu caso que tenho minha vida baunilha do meu casamento, então se eu nem confiar numa pessoa que tenho uma cena. Tem vários assim, caras que falam de vem de fora e tal, pra gente fazer uma cena, só que eu não posso permitir sem confiar, porque eu não posso deixar que me amarre ou me venda e faça sei lá o que quiser comigo, ou me deixe toda marcada, e

quando eu chegar em casa? Porque na hora ali no calor, a gente não sabe se a pessoa vai conseguir se controlar, sabe, a gente não conhece, então é muito sério, eu acho. Ainda mais aqui em Campo Grande que a gente não conhece as pessoas que praticam. Em São Paulo é muito mais fácil você conhecer as pessoas porque elas se reúnem né. Então você sabe, conhece alguém que conhece esse alguém, e tem outras experiências, sabe da vida daquela pessoa, o que ela faz, o que ela não fez com outros submissos. Pra mim isso é mais complicado, porque pra eu confiar é muito mais difícil, isso dificulta”.

sub2: “Mas conheci assim, o que eu percebo Gabriel, é que muita gente não tem coragem de vir pro mundo real, tem isso né. Sei lá, de repente o pessoal fica conversando, se masturbando, não sei, sinceramente eu não sei. Sei que muita gente que eu sugiro “ó, vamos sair, vamos encontrar, tomar um café, conhecer” né, sair da virtualidade, aí o povo some, não quer. Não sei, acho que é medo mesmo, medo de se expor, talvez. [...] Não [tive muitas sessões], pela dificuldade de encontrar pessoas que curtam aqui em Campo Grande, que curtam e que eu sinta confiança, que eu me sinta a vontade”.

Aqui aparece uma questão de duas mãos: os interlocutores reconhecem que os praticantes têm receio de sair do virtual e ir para o corpo-a-corpo e consideram isso um problema, mas, eles mesmos admitem a dificuldade de se construir confiança para se encontrarem pessoalmente. Uma fala que pode complementar as outras é do sub3:

sub3: Eu acho que aqui tem muita gente que confunde BDSM com uma coisa mais *hardcore*, não é a mesma coisa. Tipo, muita gente acha que é uma coisa, mas é totalmente diferente, acha que só porque dá uns esporros já é, e não é isso. Acho que esse é o maior problema daqui, pouca gente realmente sabe o que é o BDSM. Acho que a falta de informação do povo [...] Tem muita falta de informação por aqui”.

As falas da sub2 e do sub3 evidenciam uma das razões para o receio de encontrar com outro(a) praticante, as relações BDSM são envoltas sim no prazer, mas que também envolvem perigo.

Esta questão é tratada pela antropóloga Maria Filomena Gregori (2014), trazida no título de seu artigo, “Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo”. O BDSM mexe com a tênue linha entre o prazer e a perigo, assim:

Âmbito estratégico para a reflexão sobre os limites da sexualidade, as variadas modalidades de experiência S/M introduziram uma retórica, técnicas e rituais sobre o lado “seguro, saudável e consensual” de práticas eróticas que lidam com risco. Mesmo não sendo possível definir genericamente o significado de cada um desses termos, dada a diversidade de modalidades S/M, as tensões entre prazer/dor, domínio/sujeição, fantasia/ realidade estão sendo apresentadas, expondo suas articulações contingentes. GREGORI(2014: p. 595).

Pode-se dizer que um dos motivos do medo seja que o outro parceiro, ou parceira, contatado para se fazer uma cena, ou sessão, talvez não tenha tanta consciência dos seus limites e possa causar algum dano físico ou psicológico. Mas, considerar que este seja o único problema é reestigmatizar uma prática que já tem dificuldades de se legitimar.

Considero que mesmo essa questão do prazer e perigo não seja o maior impeditivo para os sadomasoquistas de Campo Grande se relacionarem e sim a heteronormatividade. Este conceito cabe não apenas para estudos de hetero/homossexualidades, mas também, de práticas e modos de fazer sexo e ter prazer considerados “normais” ou “corretos”, estabelecidos por um discurso hegemônico.

Os dois grupos do *Facebook* os quais etnografei são fechados, ou seja, apenas os membros podem visualizar as postagens, e, para participar, é necessário que o administrador, quem criou o grupo, aceite o pedido da pessoa. Em ambos, a administradora é a interlocutora D2. No grupo “BDSM – Campo Grande – MS” há uma frequência maior de postagens, mas ainda com datas bem espaçadas, sendo as últimas postagens de 14/11/2014, 01/11/2014, 25/10/2014 e 23/10/2014. As postagens de novembro foram feitas pelo mesmo membro do grupo, observando-se uma participação de poucas pessoas.

Em quantidade de membros, o grupo “BDSM Mato Grosso do Sul” possui 34, e o grupo “BDSM – Campo Grande – MS”, 37. A maioria das postagens do grupo de “BDSM – Campo Grande – MS” são imagens relacionadas ao BDSM.

Ambos os grupos etnografados no *Facebook* apresentam, assim, “armários sadomasoquistas”,



05. Postagem no grupo do Facebook “BDSM – Campo Grande - MS”.



06. Postagem no grupo do Facebook “BDSM – Campo Grande - MS”.

onde os adeptos postam imagens, compartilham informações sobre BDSM, *blogs* e textos.

O *Fetlife* possui espaços para escrever e postar textos, que os usuários utilizam para compartilhar informações. As tarjas brancas foram utilizadas para proteger os *nicks* dos usuários:



07. Postagem no *Fetlife*, sobre a história do BDSM no Brasil.

Em Zilli (2009), é mostrado o importante papel da *internet* para o compartilhamento de informações:

O tipo de discurso que busca legitimar o BDSM pode ser encontrado na *internet* em espaços dedicados a esta prática. É através da possibilidade que seus praticantes têm de manter contato na rede que se veicula o discurso de legitimação, descriminalização e despatologização destas práticas. Por ser um meio que se caracteriza pela facilidade de comunicação, pela promessa de anonimato e pela possibilidade de contatar indivíduos que partilham interesses em comum, a *internet* tornou-se ideal para a formação de grupos identitários que criam diversos tipos de comunidades virtuais. Além disso, os discursos sobre BDSM encontram-se num contexto de suporte à própria ideia de um grupo identitário, pois reproduzem a noção de pertencimento através da informação de técnicas, conceitos e definições. ZILLI (p. 483-484, 2009).

Quando perguntado como descobriram o BDSM, alguns interlocutores colocam que foi através de páginas da *internet*. Quando perguntado para os interlocutores há quanto tempo tinham descoberto o BDSM, trouxeram informações que evidenciam o papel da *internet* para ela adquirir informações:

sub1: “Final do ano passado que eu comecei a buscar informações né, na *internet* e conheci algumas pessoas. Mas aí, fazer perfil, criar perfil nas redes sociais eu comecei em janeiro que aí eu me cadastrei lá no Portal Senhor Verdugo, que eu gosto muito de lá, é muito bom, e agora tem dois meses só que eu me cadastrei no Fet. Mas aí de lá pra cá eu vim mais estudando, mas lendo mesmo sobre isso lá no site do Portal Senhor Verdugo”.

sub3: “Na *internet*, a muitos e muitos anos atrás”.

Dos interlocutores, quem não conheceu o BDSM através da *internet* inicialmente foram o D1, a D2, o sub2 e o D3.

D1: “Em algumas transas com uma ex[namorada] minha, ela sentia certa dor mas continuava fazendo por saber que me dava prazer, me descobri levemente sádico e comecei a ler sobre o assunto e me identifiquei como dominador apesar da pouca prática e falta de submissa, tive poucas sessões”.

D2: “Venho de uma família em que metade é praticante de BDSM, mas tive conhecimento através de um Dom, que tinha intenção que eu fosse sub dele, aos 17 anos conheci meu mentor e ele traçou meu perfil. Na verdade eu era Domme e não sub... Comecei a praticar aos 18 anos”.

sub2: “Ah, uns 15 anos talvez, ou mais. Assim, na verdade Gabriel, tudo que é meio *underground*, meio diferente, me atrai. E quando jovenzinho, eu tinha acesso a alguns

relatos, contos, por meio de revista. Revistas de sacanagem, pornográfica. E o que mais me interessava, mais me excitava, eram histórias que tinham a ver com sadomasoquismo, mas assim, eu nem tinha noção do que era. Nomenclatura assim, eu não sabia nada. E com a facilidade de *internet*, que eu vim a descobrir mais mesmo, saber mais, o que é, que tem mais gente que gosta, que eu posso ser louco, mas não sou o único, essas coisas assim. E é uma coisa, faz tempo, que embora eu devagar fui percebendo que eu sou relativamente light em relação a algumas pessoas que eu já conheci e tudo mais, ou aquilo que a gente vê na *internet*, na boa, eu não acredito em metade do que eu vejo, leio e tal. Eu percebo que mesmo antes de saber o que era masoquismo, o que era sadismo, o que era BDSM, é uma coisa que me atrai”.

D3: “Descobrir assim, descobri a muito tempo né, desde de moleque... Primeiro contato foi através de pornografia, alguns livros sobre o assunto, o próprio Marques de Sade, mas me identificar e começar a descobrir mais a fundo assim o que é o BDSM, sem ser aquela visão estigmatizada, que todo mundo tem, foi mais desde que eu entrei na faculdade assim, desde 2009 mais ou menos. Comecei assim, a pesquisar e conhecer realmente a fundo o que é o BDSM”.

Apesar de terem descoberto de diferentes formas, a *internet* possui um papel importante para estes interlocutores acessarem e trocarem informações e ainda conhecerem outras pessoas.

Como mostrado em Zilli (2009), a *internet* traz a promessa do anonimato, em que os interlocutores podem postar e se expressar nos grupos sem se exporem, assim como é possível criar os perfis *fakes*, para dificultar a identificação de que o interlocutor é um praticante.

Considerações Finais

Através das falas de meus interlocutores, conversando seus discursos com outros estudos na área da Sociologia e da Antropologia, busquei conseguir formar uma imagem de como se dão as relações BDSM, em Campo Grande/MS, e suas dificuldades. Durante as conversas e imersões etnográficas *online*, foi observado a importância da *internet* para os praticantes, sendo que, na cidade, não há bares e festas voltados para a temática.

Na fala de uns, o que aparece é a desconfiança criada pela relação prazer e perigo que envolve o BDSM, que necessita uma negociação prévia, para que os limites dos/das praticantes sejam respeitados, seguindo a tríade S.S.C¹⁰. Mas, dizer que este é o único motivo que leva à desconfiança poderia trazer um discurso de reestigmatização das práticas SM, dizendo que o BDSM é algo que gera mais medos e traumas que prazeres.

O maior medo é causado pela heteronormatividade, que coloca estas práticas no campo da anormalidade. Assim, os adeptos preferem, para sua própria segurança, manter-se num “armário sadomasoquista”, pois tornar suas preferências públicas pode ocasionar em perseguições, agressões, humilhações e exclusão de seus outros meios de sociabilidade, pode, neste caso sim, trazer prejuízos.

A promessa de anonimato e de proteção, que o mundo virtual traz, torna-se o principal meio para que os praticantes de Campo Grande/MS possam compartilhar suas vontades, desejos, prazeres e conhecimentos, com um risco muito menor de sofrerem qualquer tipo de violência não-consensual.

Espero também que, com esse texto e com os discursos de meus interlocutores, possamos contribuir com estudos realizados com sexualidades transgressoras e, como propõe Pereira (2012),

¹⁰ Abreviação para “são, seguro e consensual”. Esta tríade é considerada a base para as relações BDSM. “São é saber diferenciar fantasia da realidade, também é poder distinguir entre doença mental e sanidade [...] Seguro é conhecer as técnicas e preocupar-se com os itens de segurança que estão envolvidos no que você está fazendo, atuando, então, de acordo com esse conhecimento [...] Consensual é respeitar os limites impostos por cada um dos participantes durante todo o tempo”. Fonte: *Blog* do Senhor Verdugo: <http://senhorverdugo.com/top/9-origem-do-ssc-sao-seguro-e-consensual.html>

distorcer teorias universalizantes do norte global com estas experiências outras, deste lado da linha do equador.

Referências

AVILA, R.B.R; CARVALHO, G.Z. (2015). Erotismo monocromático: A influência de 50 Tons de Cinza na Erotika Fair. *Composição: Revista de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*.

DELEUZE, Gilles. (1983) *Masochismo – Apresentação de Sacher-Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus.

FACCHINI, Regina; MACHADO, Sarah Rossetti. (2013) “Praticamos SM, repudiamos agressão”: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), Vol. 14, pp.195-228, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

FOUCAULT, Michel. (1989). *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, Michel. (1984). *Sexo, poder e política da identidade*. Entrevista com J. O’Higgins, traduzida por Wanderson Flor do Nascimento a partir de The Advocate, nº400, p. 26-58. Disponível em: www.floesco.unb.br/foucault. Data de acesso: 06/12/2014.

FREUD, Sigmund. (1999). As aberrações sexuais. In: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição eletrônica brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Imago.

GREGORI, M. F. (2014). Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes. *Cadernos Pagu* (UNICAMP. Impresso), v. 1, p. 47-74.

KRAFFT-EBING, Richard von. (2000). *Psychopathia sexualis: as histórias de caso*. Tradução de Claudia Berliner. – São Paulo: Martins Fontes.

KURASHIGE, Keith Diego. (2014). *Marcas do desejo: um estudo sobre o critério de “raça” na seleção de parceiros em relações homoeróticas masculinas criadas online na cidade de São Carlos*. Dissertação de mestrado, São Carlos, UFSCar.

LEITE JUNIOR, Jorge. (2000). *A cultura S&M*. Trabalho de Conclusão de Curso, São Paulo, PUC-SP.

MISKOLCI, Richard. (2012). A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: *XXX International Congress Paper Archive*. Pittsburgh: LASA, v. 1, p. 1-25.

MISKOLCI, Richard. (2014). San Francisco e a nova economia do desejo. *Lua Nova*, São Paulo, 91: 269-295.

PARREIRAS, Carolina. (2008). *Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line*. Dissertação de mestrado, Campinas, UNICAMP.

PASSAMANI, G. R. (2012). Depois da fronteira: homossexualidade, envelhecimento e memória no Pantanal de Mato Grosso do Sul. In: 36º Encontro Anual da ANPOCS, 2012, Águas de Lindóia, SP. *ANAIS DO ENCONTRO* (GTS, MRS E SPS). São Paulo, SP: ANPOCS.

PEREIRA, P.P.G. (2012). *Queer nos trópicos*. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 2, p. 371-394.

PRECIADO, Beatriz. (2014). *Manifesto Contrassexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições.

RUBIN, Gayle. (s/d). *Pensando sobre sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade*. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes. Revisão de Miriam Pillar Grossi. Disponível em: <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/gaylerubin.pdf>. Data de acesso 06/12/2014.

SEGDWICK, Eve Kosofsky. (2007). Epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*. n. 28, p. 19-54.

ZILLI, B. D. (2009). BDSM de A a Z: a despatologização através do consentimento nos Manuais da Internet. In: María Elvira Díaz Benítez, Carlos Eduardo Fígari. (Org.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, v. , p. 481-508.

Artigo Recebido em 24/04/2016
Artigo Aceito em 31/05/2016